

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



 **Atena**
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-292-0

DOI 10.22533/at.ed.920192604

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 307

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas, federais e estaduais, distribuídas entre vários estados, democratizando o acesso a estes importantes resultados de pesquisas.

Os artigos foram organizados nos 5 volumes que compõe esta coleção, que tem como objetivo apresentar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica na área das Ciências Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente pesquisas em Administração e Urbanismo, Ciências Contábeis, Ciência da Informação, Direito, Planejamento Rural e Urbano e Serviço Social.

Este 1º volume reúne um total de 28 artigos que dialogam com o leitor sobre importantes temas que envolvem a violência sexual, de gênero e contra a mulher, transexualidade, sexualidade no ambiente escolar e no trabalho, racismo, diversidade de gênero, atuação profissional feminina, direito, educação, prática de esporte e da arte, sempre com temas relativos a mulher, sexualidade e gênero.

Assim fechamos este 1º volume do livro “A produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, trabalhando sempre para a disseminação do conhecimento científico.

Boa leitura!

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A APLICAÇÃO DA LEI MARIA DA PENHA AOS CASOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER TRANSEXUAL: INSTRUMENTO DE DIGNIDADE E JUSTIÇA SOCIAL	
André Luis Penha Corrêa Lucas Lopes Grischke	
DOI 10.22533/at.ed.9201926041	
CAPÍTULO 2	7
A DUALIDADE ENTRE O <i>SER MULHER</i> E O <i>SER POLICIAL</i> : DISCUSSÕES ACERCA DO ENCONTRO “CHÁ DE ROSAS”	
Daniela Cecilia Grisoski Eneida Silveira Santiago	
DOI 10.22533/at.ed.9201926042	
CAPÍTULO 3	18
A EXPERIÊNCIA DO PROJETO ESTAÇÃO CASA DA REDE MARISTA DE SOLIDARIEDADE COM MULHERES ENCARCERADAS NA PENITENCIÁRIA ESTADUAL DE PIRAQUARA, EM CURITIBA-PARANÁ	
Gabriela Daniel de Campos Francieli do Rocio de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.9201926043	
CAPÍTULO 4	28
A MULHER REPRESENTADA PELA IGREJA PRESBITERIANA NOS ANOS 70: A REVISTA ALVORADA E A IMAGEM FEMININA	
Daniela Emilena santiago Dias de Oliveira Ricardo Gião Bortolotti	
DOI 10.22533/at.ed.9201926044	
CAPÍTULO 5	38
A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	
Nathaly Cristina Fernandes Carolina dos Santos Jesuino da Natividade	
DOI 10.22533/at.ed.9201926045	
CAPÍTULO 6	47
A SEXUALIDADE INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA COM GESTORAS DE ENSINO	
Camila Campos Vizzotto Alduino Marcia Cristina Argenti Perez	
DOI 10.22533/at.ed.9201926046	
CAPÍTULO 7	62
ATUAÇÃO DA MULHER NA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO PARANÁ: HISTORICIDADE, AVANÇOS E DIFICULDADES	
Adriana Cristina Dias Lopes Allan Jones Miranda de Souza Claudia Ramos de Souza Bonfim	
DOI 10.22533/at.ed.9201926047	

CAPÍTULO 8	74
BRANQUITUDE E DECOLONIALIDADE ACADÊMICA	
Ana Tereza da Silva Nunes	
Jair da Costa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.9201926048	
CAPÍTULO 9	85
DIVERSIDADE E GÊNERO A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA ATIVA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO	
Daniela Copetti Santos	
Luciane Carvalho Oleques	
Juliane Oberoffer Santos da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.9201926049	
CAPÍTULO 10	90
DO PRIVADO AO PÚBLICO: IDENTIDADES FEMININAS CATÓLICAS NA CONTEMPORANEIDADE E SEUS SENTIDOS	
Joyce Aparecida Pires	
DOI 10.22533/at.ed.92019260410	
CAPÍTULO 11	104
ECONOMIA SOLIDÁRIA: COOPERAÇÃO E AUTOGESTÃO PARA A COLETA DE RESÍDUOS RECICLÁVEIS	
Gisele Quinallia	
Juliene Maldonado Orosco de Andrade	
Edilene Mayumi Murashita Takenaka	
DOI 10.22533/at.ed.92019260411	
CAPÍTULO 12	113
EDUCAÇÃO SEXUAL: PROMOVEDO RESPEITO EM SALA DE AULA ATRAVÉS DE DINÂMICAS	
Nathália Hernandez Turke	
Felipe Tsuzuki	
Virginia Iara de Andrade Maistro	
DOI 10.22533/at.ed.92019260412	
CAPÍTULO 13	123
ENTRE ROMANCES E SEGREDOS, (HÁ) VIOLÊNCIA SEXUAL	
Paula Land Curi	
Nayalla Buarque	
Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins	
DOI 10.22533/at.ed.92019260413	
CAPÍTULO 14	129
ESPAÇO EMPRESARIAL E A RELAÇÃO ORGANIZACIONAL COM SUAS FUNCIONÁRIAS MULHERES	
Catharina Correa Polachini	
Keila Isabel Botan	
Andreza Marques de Castro Leão	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.92019260414	

CAPÍTULO 15	141
ESPAÇOS PÚBLICOS E DIVERSIDADE URBANA: A IMPORTÂNCIA DE SE PENSAR A CIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO	
Wellisson de Oliveira Camilo Jr	
DOI 10.22533/at.ed.92019260415	
CAPÍTULO 16	152
FRIDAS: UMA PROPOSTA DE GRUPO DE ESTUDOS SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR	
Vanessa Elias	
DOI 10.22533/at.ed.92019260416	
CAPÍTULO 17	166
FUTEBOL DE MULHERES E A EXPERIÊNCIA DE CAMPO	
Martina Gonçalves Burch Costa	
Giovanni Felipe Ernst Frizzo	
DOI 10.22533/at.ed.92019260417	
CAPÍTULO 18	173
INTERSECÇÕES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA NAS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO DOCENTE E AS INFLUÊNCIAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	
Lilian Silva de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.92019260418	
CAPÍTULO 19	190
MEMÓRIAS DE UM RECITAL DE PIANO: REFLETINDO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE	
Giácomo de Carli da Silva	
Cristina Rolim Wolffenbüttel	
DOI 10.22533/at.ed.92019260419	
CAPÍTULO 20	197
NOTAS SOBRE A INCLUSÃO DE ATLETAS TRANSGÊNERO NO ESPORTE	
Fernanda Dias Coelho	
Ludmila Mourão	
DOI 10.22533/at.ed.92019260420	
CAPÍTULO 21	210
O PARADOXO DA INCLUSÃO: UM ENSAIO PÓS-ESTRUTURALISTA SOBRE OS DIREITOS SEXUAIS	
Andressa Regina Bissolotti dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92019260421	
CAPÍTULO 22	225
PARA ALÉM DO MATCH: TINDER NA PRODUÇÃO DISCURSIVA DE CORPOS	
Maria Cecilia Takayama Koerich	
DOI 10.22533/at.ed.92019260422	

CAPÍTULO 23	231
POR UMA TEORIA FEMINISTA DO PODER CONSTITUINTE: INSTITUIÇÕES, JUSTIÇA E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA NA BANCADA FEMININA DA ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE DE 1987-1988	
Silvana Santos Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.92019260423	
CAPÍTULO 24	242
QUE SEXUALIDADE É ESSA? REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES AMOROSAS DE ADOLESCENTES VÍTIMAS DE INCESTO	
Aline Luiza de Carvalho	
Márcia Stengel	
DOI 10.22533/at.ed.92019260424	
CAPÍTULO 25	258
QUE VOZ É ESSA QUE FALA POR MIM? A LUTA DO INSTITUTO GELEDÉS POR DIGNIDADE, RECONHECIMENTO E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL	
Breanda Karolainy Penha Siqueira	
Jamilly Nicácio Nicolete	
DOI 10.22533/at.ed.92019260425	
CAPÍTULO 26	270
RELACIONAMENTOS AMOROSOS DE ADOLESCENTES E A INTERNET	
Márcia Stengel	
Nádia Laguárdia de Lima	
Jacqueline de Oliveira Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.92019260426	
CAPÍTULO 27	286
RESISTÊNCIA FRENTE À VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER: RELATO DA EXPERIÊNCIA COM A EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA “MULHERES EXTRAORDINÁRIAS - FRAGMENTOS DE LUTA E SUPERAÇÃO”	
Jéssica Aparecida Chaviuk Francisco	
Cíntia de Souza Batista Tortato	
DOI 10.22533/at.ed.92019260427	
CAPÍTULO 28	298
VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES: PERCEPÇÕES E RELATOS DE MULHERES PROFISSIONAIS DO SEXO EM ÁREA COSTEIRA DO NORTE DO BRASIL	
Brenda L. Assis Lisboa	
Walquirene Nunes Sales	
Driene N. Silva Sampaio	
Amanda C. Ribeiro Costa	
Gláucia C. Silva-Oliveira	
Aldemir B. Oliveira-Filho	
DOI 10.22533/at.ed.92019260428	
CAPÍTULO 29	310
ENTRE TREVAS E ARCO-ÍRIS: ORIENTAÇÃO SEXUAL E A “IDEOLOGIA DE GÊNERO”	
Marina de Almeida Borges	
Ana Cristina Nassif Soares	
DOI 10.22533/at.ed.92019260429	

CAPÍTULO 30 317

SUICÍDIO NO PÚBLICO DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (LGBT):
ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE 2013-2018

Ana Patrícia Fonseca Coelho Galvão

Pablo Nascimento Cruz

Fábio Batista Miranda

Jaíza Sousa Penha

Nayfrana Duarte de Sousa Oliveira

Fabrcio e Silva Ferreira

Wochimann de Melo Lima Pinto

Natalie Rosa Pires Neves

Nayra Michelle Anjos Amorim

Raylena Pereira Gomes

Rose Daiana Cunha dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.92019260430

SOBRE O ORGANIZADOR..... 333

ENTRE TREVAS E ARCO-ÍRIS: ORIENTAÇÃO SEXUAL E A “IDEOLOGIA DE GÊNERO”

Marina de Almeida Borges

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais FCHS
– UNESP
Franca, SP

Ana Cristina Nassif Soares

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais FCHS
– UNESP
Franca, SP

RESUMO: Durante a pesquisa que deu origem à dissertação de mestrado acadêmico em Serviço Social intitulada “*Entre trevas e arco-íris: colorindo a diversidade no ensino médio*”, várias foram as problemáticas identificadas a respeito do trato da diversidade sexual e de gênero no ambiente escolar, mais especificamente no ensino médio. A pesquisa contou com a participação de docentes do ensino médio que lecionavam para uma escola estadual no município de Franca, SP, na turma do terceiro ano do ensino médio, além de alunas desta mesma turma. Ambas trouxeram questões de grande relevância sobre o (não) ensino da diversidade sexual e de gênero na escola regular, sendo uma delas o entendimento de que o conceito de “orientação sexual” - comumente reconhecido por membros da comunidade LGBTI (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais) como sendo a classificação de pessoas a partir do

direcionamento de seus desejos afetivos e/ou sexuais entre gêneros – na verdade se designaria ao ato de orientar – guiar, conduzir, direcionar – os desejos e comportamentos afetivos e/ou sexuais de outra pessoa. Desta forma, o presente trabalho busca colorir a reflexão acerca de como concepções como esta fortalecem e sustentam projetos neoliberais como o “Escola Sem Partido”, por exemplo, reprimindo o campo de atuação da educação sexual.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade sexual e de gênero. Educação sexual. Serviço Social.

ABSTRACT: During the research that has given rise to the academic master’s dissertation on Social Work entitled “*Between darkness and rainbow: throwing colors on diversity in high school*”, several problems were identified regarding the treatment of sexual and gender diversity in the school environment, more specifically in high school. The research had the participation of high school teachers who taught in a public school in the city of Franca, SP, in the class of the third year, participated in the research, as well as students of this same class. Both teacher and students raised important questions about the (non) teaching of sexual and gender diversity in regular school, one of which was the understanding that the concept of “sexual orientation” - commonly recognized

by LGBTI community members (lesbian, gay, bisexual, transgender and intersexual) as being the classification of people from the direction of their affective and / or sexual desires between genders – would, in fact, refer to the act of guiding - directing - the affective and/or sexual desires and behaviors of another person. In this way, the present work seeks to color the reflection about how conceptions such as this strengthen and sustain neoliberal projects such as the “Unpolitical Schools”, for example, repressing the field of sexual education.

KEYWORDS: Sexual and gender diversity. Sex Education. Social Work.

1 | INTRODUÇÃO

Durante a pesquisa que deu origem à dissertação de mestrado acadêmico em Serviço Social intitulada “*Entre trevas e arco-íris: colorindo a diversidade no ensino médio*”, várias foram as problemáticas identificadas no trato da diversidade sexual e de gênero no ambiente escolar. Um dos objetivos da pesquisa foi identificar a compreensão de alunas e docentes do ensino médio acerca de conceitos da sexualidade, dentre eles o conceito de orientação sexual.

Ademais, a pesquisa teve outros objetivos como identificar se a educação sexual vêm sendo abordada no ensino médio, bem como verificar a capacitação e familiaridade das docentes com relação à temática e suas atuações nas diferentes áreas do conhecimento presentes no currículo escolar, analisando também como o pensamento conservador está presente neste ambiente e de que forma pode influenciar na compreensão de mundo de suas futuras ex-alunas.

A pesquisa contou com a participação de docentes do ensino médio que lecionavam nas áreas de física, biologia, filosofia e matemática de uma escola estadual do município de Franca, SP, na turma do terceiro, além de oito alunas desta mesma turma, todas coincidentemente com 17 anos de idade. Importante ressaltar que todas, alunas e docentes, assinaram termos de consentimento para participação na pesquisa, que por sua vez foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNESP.

Importante ressaltar que tanto a dissertação quanto este trabalho foram escritos inteiramente com a flexão de gênero no feminino para se referir a grupos, e não no masculino como de costume no padrão da língua portuguesa, como uma forma de evidenciar que o conteúdo se refere a diversas minorias, dentre elas as mulheres, encorajando a reflexão sobre o machismo através do incômodo gerado pela leitura “fora dos padrões”. Será mantida a escrita flexionada no masculino apenas em citações ou falas individuais de autores ou participantes homens.

Para análise do tema proposto neste estudo foi necessário trabalhar com a construção de valores entre épocas e contextos sociais, culturais e políticos específicos, para que fosse possível compreender as expressões atuais que cercam as famílias, a educação e os embates da conjuntura atual. Desta forma, foi adotado o método do materialismo histórico dialético, como proposto por Marx e Engels (1979), para

compreensão e interpretação da realidade e do mundo, considerando o movimento do pensamento essencial para análise mais completa possível de uma determinada realidade trabalhando com suas contradições.

A abordagem escolhida para análise da pesquisa foi qualitativa, com base em Minayo (2009), pois foram apresentados conceitos e realidades que não conseguem - e tampouco devem - ser quantificados.

Com as docentes optamos pelo uso de entrevistas com roteiros estruturados (MANZINI, 1990/1991) e com as alunas a opção selecionada foi o grupo focal, também conhecidos como “grupos de discussão” (BACKES; COLOMÉ; ERDMANN; LUNARDI; 2011). Para análise dos conteúdos obtidos nas entrevistas e nos grupos focais foram realizadas transcrições e análises de discurso, onde foi possível identificar repetições, padrões normativos e preconceitos, por exemplo.

Entrevistas e grupos focais trouxeram questões de grande relevância sobre o (não) ensino da diversidade sexual e de gênero na escola regular, sendo uma delas a concepção de que o conceito de “orientação sexual” - comumente reconhecido por membros da comunidade LGBTI (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais) como sendo a classificação de pessoas a partir do direcionamento de seus desejos afetivos e/ou sexuais entre gêneros (heterossexual, homossexual, bissexual, etc) – na verdade se designaria ao ato de *orientar* – guiar, conduzir, direcionar – as concepções e desejos de outra pessoa.

Esta compreensão do conceito “orientação sexual” dialoga diretamente com propostas neoliberais como o “Escola Sem Partido”, projeto que proíbe o diálogo sobre gênero e sexualidade nas escolas com a justificativa de que ao apresentar tais conteúdos para adolescentes, as docentes estariam influenciando escolhas e comportamentos sexuais delas, o que seus precursores, como o advogado Miguel Nagib, chamam de “ideologia de gênero”, como veremos a seguir.

2 | ORIENTAÇÃO SEXUAL VS. IDEOLOGIA DE GÊNERO

A pesquisa abordou conceitos diversos sobre sexualidade como: identidade de gênero, gênero, sexo biológico ou expressão de gênero, por exemplo. Contudo, o foco do presente trabalho e aquele que mais gerou reflexões a partir de seu significado foi o conceito de orientação sexual.

Foi possível observar que as docentes entendem “orientação sexual” como ato de orientar, induzir, guiar, pessoas a respeito de sua sexualidade. As docentes foram unânimes em interpretar o conceito de forma literal, acreditando na possibilidade de influência sobre os desejos afetivos e sexuais de outrem.

Todavia, a orientação sexual é compreendida como

a capacidade de uma pessoa em envolver-se romanticamente com outra. O que define as orientações afetivas e/ou sexuais possíveis é se o desejo sexual e o amor romântico se orientam para o mesmo gênero (homossexual), para o gênero oposto

(heterossexual), para ambos os gêneros (bissexual) ou para nenhum dos gêneros (assexual). Considerando também que o sentimento romântico é dissociado da prática sexual, um ser humano pode se envolver apenas afetivamente, sem manter relações sexuais, ou apenas sexualmente, sem manter relações afetivas (BORGES, 2018, p.36).

Desta forma, a palavra “orientação” neste contexto não se emprega com o sentido literal de conduzir, induzir ou direcionar determinado comportamento sexual, que possibilitaria a falsa ideia de que seria possível “ideologizar” outras pessoas. Seu real sentido seria a “orientação” (direção) dos desejos afetivos e/ou sexuais para um gênero, para outro, para os dois ou para nenhum, significando algo singular e particular de cada pessoa.

A interpretação equivocada do conceito também abrangeu questões comportamentais de gênero, que conhecemos como masculinidade e feminilidade. De acordo com as alunas participantes, a orientação sexual – no processo por elas compreendido como nortear alguém sobre sexualidade – inclui os ensinamentos sobre o que é e como ser homem e mulher na sociedade.

Ademais, as alunas ainda se referem ao referido conceito como “opção sexual”, relacionando à possibilidade de escolha e, portanto, de mudança da mesma. Foram então questionadas sobre dois tópicos: se a orientação sexual é uma escolha e se havia a possibilidade de mudá-la, “desescolhê-la”; e, se sim, se conseguiriam elas mesmas modificar sua orientação sexual atual e passar a sentir e viver o oposto. A resposta foi quase unânime: 7 das 9 participantes defenderam a ideia de que orientação sexual é uma opção que sua mudança é possível. Porém, ao responder a segunda pergunta, todas foram unânimes em dizer que não seriam capazes de modificar suas orientações sexuais, mas que outras pessoas teriam tal capacidade. “Eu não conseguiria, mas outras pessoas sim!”, disse um aluno.

Tal compreensão evidencia um comportamento egoísta e com pouco ou nenhum senso de totalidade e consciência de classe.

Fica evidente que o grupo em si tem a sensação de superioridade e compreende a sua realidade – de serem pessoas heterossexuais dentro do comodismo da normalidade – como não necessária de mudança, exigindo- a apenas daquelas que destoam do padrão social, isto é, pessoas LGBTIs são capazes e precisam mudar suas orientações sexuais, entretanto, pessoas heterossexuais não são capazes e não precisam, pois já estão devidamente “orientadas” (BORGES, 2018, p.68).

A simplista compreensão das docentes e alunas participantes sobre o conceito de orientação sexual evidenciou a falta de contato com a temática, o que revela também a inexistência da educação sexual nas escolas, proposta que projetos de lei como o referido “Escola Sem Partido” pretendem banir cada vez mais.

O projeto surgiu em 2004 a partir da parceria entre familiares de alunas e o advogado Miguel Nagib, reforçando uma posição contra o “abuso da liberdade de ensinar” e, apesar de pregar a não vinculação política ideológica e partidária e de bradar pela “liberdade de crenças”, conforme a Constituição Federal de 1988, os pressupostos do projeto são carregados de crenças e interpretações religiosas e reproduzem diversos

preconceitos que estão intrinsicamente pautados no senso comum. A ideia de que a simples apresentação e discussão dos temas relacionados à sexualidade influencie a compreensão e comportamento das jovens acerca das diversidades reflete o receio de abalar estruturas normativas sociais, econômicas e políticas, uma vez que ainda hoje as desigualdades são extremas e os privilégios estão concentrados nas mãos de uma minoria bastante característica: homens, brancos, cisgêneros, heterossexuais, cristãos e de classe alta.

A distinção e desigualdade entre gêneros, classes sociais, raças, orientações sexuais, identidades de gênero e crenças se faz visível quando analisamos a maneira como os movimentos sociais – compostos por minorias e reivindicando a equidade – são apresentados pelas autoridades, sempre vinculados à barbárie, violência e intolerância, apagando todos os traços que buscam expor a dominação (social, política, econômica e moral) de muitos por poucos.

Ademais, é o não questionamento do senso comum que perpetua tais ensinamentos e influencia diretamente na manutenção da ordem social em vigor. Desta maneira, é inteligível o porquê projetos de lei como o “Escola Sem Partido” e as reformas como propostas pelo governo Michel Temer em 2018 ganharam tanta força da sociedade civil, pois utilizam-se da falta de compreensão, estudo e familiaridade com a temática para fazer alusão àquilo que se pretende evitar, àquilo que é dispersado como sendo “o mal” para famílias e cidadãos “de bem”. Quanto menos se fala, menos se reflete, menos se questiona, menos se muda, e assim tudo permanece exatamente da mesma forma que sempre foi – e todas as pessoas seguem acostumadas com os lugares que ocupam na sociedade, sem ameaçar a hierarquia vigente.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descoberta sobre a percepção de docentes e alunas sobre o conceito “orientação sexual” na pesquisa desperta a importância do debate sobre educação sexual nas escolas. A errônea compreensão despertada pelo conceito, que evidentemente foi causada por uma interpretação “ao pé da letra”, mostra que não há proximidade e convivência com a temática e, portanto, suas perspectivas estão pautadas única e exclusivamente em suas vivências particulares.

Ademais, foi possível compreender porque de movimentos como “Escola Sem Partido”, que se pautam na existência de uma “ideologia de gênero”, ganham cada vez mais seguidoras populares, com ideias concentradas sobre valores e crenças religiosas que associadas a um contexto capitalista conservador pretende a manutenção dos privilégios de determinados grupos sociais sobre outros.

Tal descoberta evidencia o reflexo da ignorância que ainda paira sobre a educação sexual e todos os conceitos que envolvem as diversidades sexuais e de gênero. A ideia de que o reconhecimento da diversidade ameaça a família heterossexual como

conhecemos é uma falácia e é mantida por grupos estrategicamente interessados em manter as uniões familiares na composição patriarcal, que está diretamente ligada ao sistema econômico e às propriedades privadas, conforme observamos na obra de Engels (1984).

Estas reflexões e as perspectivas sinalizadas na pesquisa se mostraram concretas após a última eleição para presidente de república, ocorrida em outubro de 2018, que polarizou discussões, posicionamentos e pessoas acerca de valores, crenças e opiniões de forma radical. A imersão repentina de milhões de cidadãos no jogo político comprovou que entendimentos e posicionamentos que versam sobre temas como os aqui abordados são de interesse público e devem ser discutidos, refletidos e pensados.

As reformas propostas já no governo anterior se concretizaram, como a reforma do ensino médio, e novas propostas que estão sendo estudadas e anunciadas pelo governo de Jair Messias Bolsonaro sinalizam retrocessos ainda maiores nos direitos adquiridos pelas minorias, exalando conservadorismo e total descomprometimento com os direitos humanos.

Ainda no início do governo já foi possível identificar posturas que ignoraram os altos índices de violências LGBTIfóbicas, como a retirada da comunidade LGBT das diretrizes de Direitos Humanos do ministério responsável. Inclusive, o Ministério dos Direitos Humanos foi renomeado para “Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos” e está sendo liderado pela ministra nomeada Damares Regina Alves, que é advogada e pastora evangélica, publicamente conhecida por suas declarações extremistas e preconceituosas. A ministra defende a implementação do projeto “Escola Sem Partido”. Anteriormente, o senador e também pastor evangélico Magno Malta (PR) foi cogitado para o cargo.

Ao compreender que a ideologia de gênero é uma falácia que esconde o medo que as classes privilegiadas têm de que a comunidade LGBTI se reúna e reivindique seus direitos, seu reconhecimento e sua existência, e ver que o atual presidente da república tem como proposta de governo o “combate à ideologia de gênero”, é possível vislumbrar um difícil panorama para o futuro dos direitos humanos. Contudo, ao mesmo tempo, a educação se mostra como a única resistência que a longo prazo pode nos salvar das trevas da ignorância rumo ao arco-íris de possibilidades de ser e existir no mundo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. UNESCO Brasil. Rede Pitágoras. Brasília: 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133967por.pdf>>. Último acesso em 10 de fev. de 2018.

BORGES, M. A. **Entre trevas e arco-íris: colorindo a diversidade no ensino médio**. Franca, 2018. 121 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

BACKES, D. S; COLOMÉ, J. S; ERDMANN, R. H; LUNARDI, V. L. **Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas.** O mundo da saúde. São Paulo, 2011, p. 438-442.

BOCK, A. M. B. **A adolescência como construção social:** estudo sobre livros destinados a pais e educadores. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), v. 11, n. 1, jan./jun. 2007, p. 63-76.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Mulheres e trabalho:** breve análise do período 2004- 2014. Brasília, n.24, 2016.

____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2017.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GONDIM, S. M. G. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa:** desafios metodológicos. Universidade Federal da Bahia. Paidéia, 2003, p. 149-161.

LINS, B. A; MACHADO, B. F; ESCOURA M. **Diferentes, não desiguais:** a questão de gênero na escola. 1. ed. São Paulo: Reviravolta, 2016.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social.** Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARX, K. **O manifesto comunista.** Trad. Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. (Org). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

NATIVIDADE, M; OLIVEIRA, L. **As novas guerras sexuais:** diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

SILVA, C. C. B; BORGES, M. A. **Famílias homoafetivas:** a influência dos papéis de gênero como reflexo da heteronormatividade. Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social. Universidade Estadual Paulista, Franca, 2015.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-292-0

